

TRISTE ESTATÍSTICA OS NÚMEROS FORAM DIVULGADOS PELA SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS, QUE REVELA QUE VITÓRIA É A TERCEIRA CAPITAL NO PAÍS EM CONSUMO DE ÁLCOOL

Mais de 66 mil crianças do ES já experimentaram bebida alcoólica

Os números referem-se aos estudantes da rede pública de ensino, entre 10 e 12 anos

CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br
ELISANGELA BELLO
ebello@redgazeta.com.br

Vitória, que projeta-se, em nível nacional, como a Capital com maior PIB per capita do Brasil (R\$ 26 mil/ano), exibe, porém, um outro dado que em nada orgulha a sua população: é a terceira, também no país, em experimentação de álcool por crianças e adolescentes, na faixa etária de 10 a 12 anos.

Segundo pesquisa divulgada ontem pela Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), 55,6% dos estudantes da rede pública de ensino da Capital do Espírito Santo, entre 10 e 12 anos, já experimentaram bebida alcoólica. As crianças da Capital capixaba só perdem para as de Campo Grande (57,1%) e do Rio de Janeiro (56,6%).

Em nível nacional, o índice

é de 41,2%, o que representa 66,3 mil crianças, das 160.935 matriculadas no ensino fundamental das redes estadual e municipal do Estado, na faixa etária citada, segundo a Secretaria da Educação.

Os dados, divulgados na I Conferência Pan-Americana de Políticas Públicas Sobre o Álcool, que reúne em Brasília os maiores especialistas do continente na discussão de maneiras de reduzir os efeitos negativos produzidos pelo álcool nos sistemas de saúde pública, revelam parte de um problema com implicações muito mais amplas.

Em nível nacional, estima-se que 11,2% da população seja dependente de álcool, conforme pesquisa do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas

(Cebrid). O alcoolismo é, portanto, doença registrada entre cerca de 20 milhões de brasileiros - 370 mil dos quais, capixabas.

Para a diretora da Senad, Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, é muito preocupante a iniciação cada vez mais cedo das pessoas no consumo de bebida alcoólica.

Lícita. “O fato é que álcool é uma droga lícita, culturalmente aceita e vista como elemento socializador”, diz ela. Na sua opinião, para a reversão do quadro é necessário definir política pública que se reduza a propaganda de bebida alcoólica e se exerça maior controle sobre os pontos de vendas. “Não dá para aceitar bares funcionando em frente a escolas, den-

tro dos campus universitários”, comenta.

O secretário nacional antidrogas, Paulo Roberto Yog, diz que a sociedade “clama por uma solução” e que o caminho passa pela realização de pesquisas que possam diagnosticar o problema. Ele diz que o Governo criou uma câmara especial para política pública em relação ao álcool, mas que é preciso compartilhar com a sociedade. “Temos que envolver famílias, igrejas, locais de trabalho e escolas nessa discussão”, argumenta.

Opções de ajuda

■ **Centro de Prevenção e Tratamento ao Toxicômano (CPTT) de Vitória:** 3132-5104/3132-5105

■ **Centro de Atenção Psicossocial de Vila Velha (Caps):** 3239-9846/3239-9857

■ **Pronto-Socorro Psiquiátrico do Hospital São Lucas:** 3381-3360

■ **Programa de Reabilitação a Saúde do Toxicômano e Alcoolista (Presta):** 3137-1765

■ **Alcoólicos Anônimos:** 3223-7268

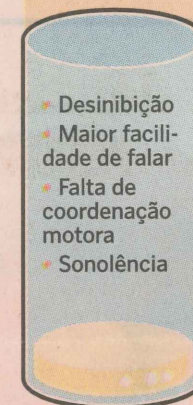


Doses da doença

Os efeitos causados pelo álcool dependem da quantidade e frequência de seu consumo e das características físicas e psicológicas da pessoa que consome a bebida

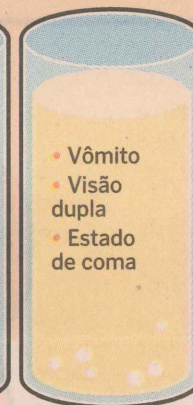
Efeitos agudos mais comuns

Em pequenas doses



- Desinibição
- Maior facilidade de falar
- Falta de coordenação motora
- Sonolência

Em maiores quantidades

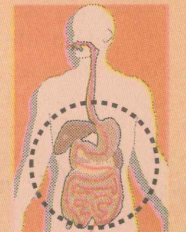


- Vômito
- Visão dupla
- Estado de coma

Efeitos crônicos

O uso abusivo e contínuo do álcool causa doenças como:

- cirrose
- hipertensão
- gastrite
- problemas cardíacos



O consumo excessivo e contínuo de bebidas alcoólicas leva ao alcoolismo

Sinais de dependência

Forte desejo ou compulsão para consumir a substância

Dificuldade de controlar o uso (tentativas malsucedidas de diminuir ou interromper o uso)

Síndrome de abstinência (sintomas relacionados a diminuição ou suspensão do consumo)

Nos adolescentes e jovens

Abandono dos estudos e interesse apenas em sair com amigos

O aparecimento de prejuízos materiais,

dem para as de Campo Grande (57,1%) e do Rio de Janeiro (56,6%).

Em nível nacional, o índice

se concentrava nas principais vias de acesso à Capital. "Para o jovem capixaba, o lazer está diretamente associado ao álcool", conta gerente de Educação do Trânsito do órgão, Magda Lamborghini.

■ **Alcoólicos Anônimos:** 3223-7268

Ele começou cedo



DIFÍCIL PARAR. As mãos trêmulas e os gestos agitados mostram um pouco o efeito devastador do alcoolismo na vida de V., 45 anos, uma das pessoas que estão internadas em tratamento hoje, no Centro de Prevenção e Tratamento ao Toxicômano (CPTT), de Vitória. A porta para o vício apareceu bem cedo. "Comecei aos 14 anos. O rapaz que trabalhava comigo bebia, acabei bebendo junto. Por ter começado tão cedo, hoje é muito mais difícil parar. Estou na terceira internação. A gente não tem noção de que perdeu o controle, não tem um momento. Antes era mais difícil, a gente tinha que se esconder para tomar cerveja, pinga, hoje não. Está fácil comprar bebida", relata ele, que diz ter perdido o bem mais precioso: a saúde. FOTO:CHICO GUEDES

Conselho de pai para filho

EXEMPLO. O exemplo dentro de casa. É com base na própria experiência vivida que R., 55 anos tenta aconselhar o filho de 18 anos, a não entrar no mesmo caminho: o do alcoolismo. "Pela influência dos amigos, comecei a beber com 16 anos. Tínhamos amigos que saíam da aula direto para a lanchonete do lado para tomar cerveja. Naquela época, os pais não conversavam com os filhos. Penso que se tivesse isso minha história seria diferente. Por isso, conversei muito com ele e peço para que ele para a situação em que me encontro e não siga o mesmo caminho", conta R., que está em tratamento há três anos. O conselho para o filho tem razão de ser: "Perdi o emprego, a esposa, e a saúde está mais ou menos", enumera.



De doenças do coração ao suicídio

A principal causa de mortes entre dependentes de álcool são as doenças do coração. A segunda causa é o câncer, seguida pelos acidentes e, em quarto lugar, pelo suicídio. "Quanto mais cedo se começa a beber, maiores são as consequências, sem falar nos problemas que não levam diretamente à morte", enumera o médico especialista em dependência química, João Chequer.

A cirrose, doença mais comumente associada ao alcoolismo, é apenas a oitava causa de morte entre os dependentes, que podem carregar seqüelas para o resto da vida. A partir do quinto ano de dependência,

a maioria pode sofrer com perda de memória e demência.

Para o médico, a experimentação precoce do álcool entre crianças e pré-adolescentes está ligada à visão equivocada sobre o álcool. "As pessoas vêm o indivíduo embriagado como uma situação de humor ou como um ato de virilidade. No aniversário de um ano do filho, ou no de 15, todo mundo bebe. Há uma enorme pressão social para o consumo".

Como agravante, ele cita a legislação brasileira que permite a exibição de comerciais de bebidas com menor teor alcoólico a qualquer hora na programação de emissoras de TV.

Jovens só procuram ajuda 10 anos depois

Os jovens são minoria entre os alcoólicos em tratamento no Centro de Prevenção e Tratamento ao Toxicômano (CPTT) de Vitória, o que não quer dizer que o consumo de álcool entre eles não preocupe psicólogos e assistentes sociais do local. É que ao contrário de outras drogas, os dependentes de álcool demoram de 10 a 15 anos para buscar ajuda.

"A pessoa só procura depois que a família insiste, ou que o médico fala que se ela não parar pode morrer, ou ainda quando começa a ter problemas no trabalho", afirma a psicóloga Aldinea Gomes de Mello, que trabalha num dos

quatro grupos que funcionam hoje no CPTT.

A maioria começou a beber ainda na adolescência ou até na infância. "O jovem quer mostrar que faz parte da turma. Além disso, há a convivência de pais. Eles se assustam se virem o filho fazendo uso de droga ilegal, mas se for álcool, não ligam", afirma.

Não deveria ser assim. Segundo a psicóloga Cristiane Teles, o uso de álcool está relacionado ao consumo de outras drogas, como maconha e crack na maioria dos relatos de adolescentes. "Eles bebem, ficam mais à vontade e vão procurar outro tipo de droga".

diminuir ou interromper o uso)

Síndrome de abstinência (sintomas relacionados a diminuição ou suspensão do consumo)

Necessidade de aumentar a dose da substância para obter os mesmos efeitos antes obtidos com doses menores (tolerância)

Abandono progressivo de interesses alternativos, que não o uso da substância

Persistência no uso, mesmo diante de consequências nocivas claras

estudos e interesse apenas em sair com amigos

O aparecimento de prejuízos materiais, como a danificação de veículos em acidentes

Baixa auto-estima

Alterações de humor, com predominância de agressividade



A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

29,8% dos universitários de 20 a 24 anos bebem "pesado"

Uma pesquisa inédita, realizada pela diretora de Prevenção e Tratamento da Secretaria Nacional Antidrogas, Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, mostra que a escalada do uso do álcool, que começa ainda na infância, chega às universidades de forma expressiva: 29,8% dos estudantes de nível superior bebem pesadamente e têm idades entre 20 e 24 anos.

Se aplicado no universo de estudantes apenas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), representa que quase três mil universitários capixabas teriam bebido cinco ou mais doses de álcool em pelo menos uma ocasião nos últimos 30 dias.

Foi esse o padrão de consumo que Paulina Duarte utilizou para definir o "beber pesado", na pesquisa "Uso intenso de álcool e outros comportamentos de risco à saúde entre estudantes universitários da Pontifícia Universidade Católica do Paraná".

Dos 1.201 estudantes da PUC Paraná que preencheram os questionários, 22,8% bebem pesadamente, 44,8%, bebem sem problema e 25% não bebem. Mas, dos bebedores pesados, 77% relataram que já tiveram três ou mais consequências negativas em decorrência da bebida, como sentir-se mal, causar vergonha a alguém e se envolver em brigas.

Consumo de álcool cresceu 70% no Brasil em 35 anos

BRASÍLIA. O consumo de bebidas alcoólicas pelos brasileiros cresceu 70,5% nos últimos 35 anos. O dado é resultado de um levantamento realizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e coloca o Brasil entre os 25 países com maior aumento no consumo de álcool durante o período.

Para reduzir a oferta e o consumo de bebidas, o governo federal está discutindo a criação de políticas públicas para o álcool.

O consumo dessa substância no país preocupa tanto que, em seis meses, deve entrar em vigor um projeto de restrição à propaganda de bebidas alcoólicas: aquelas que têm mais de 13 graus de teor alcoólico só poderão ter propagandas veiculadas depois das 21 horas e até as 6 horas da manhã. Isso inclui bebidas como uísque e vodka, mas deixa de fora a cerveja, mais consumida pelos brasileiros.

No mesmo estudo da OMS, divulgado no domingo, ficou constatado que os latino-americanos bebem, em média, menos do que europeus, asiáticos e norte-americanos. O consumo no Brasil é de 5,3 litros por pessoa, em média, enquanto chega a 9,3 litros no grupo que inclui Estados Unidos, Canadá e Cuba.